

# A História como influxo. Sobre a interpretação de Céline Denat

Ivo da Silva Júnior\*

**Resumo:** Este texto visa a apresentar um segundo trabalho de Céline Denat ao público brasileiro, “A filosofia e o valor da história em Nietzsche. Uma apresentação das *Considerações extemporâneas*”. Apontando para o argumento central desse trabalho, propõe-se discutir em que medida a crítica de Nietzsche limita-se à história (*Historie*).

**Palavras-chaves:** consideração – extemporâneo – história – doença histórica

Se num artigo anterior, “Nietzsche, pensador da história? Do problema do ‘sentido histórico’ à exigência genealógica”<sup>1</sup>, Céline Denat refaz o percurso da noção de história na filosofia de Nietzsche, assim como retraça a maneira pela qual, com o recurso da história, o filósofo constrói o procedimento genealógico, em seu novo texto, “A filosofia e o valor da história em Nietzsche. Numa apresentação das *Considerações extemporâneas*”<sup>2</sup>, a autora se detém numa etapa

---

\* Professor de História da filosofia contemporânea da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

<sup>1</sup> DENAT, C. “Nietzsche, pensador da história? Do problema do ‘sentido histórico’ à exigência genealógica”. Trad. V. Gosselin. In: MARTON, S. (org.). *Nietzsche, um francês entre franceses*. São Paulo: Barcarolla, 2009, p. 135-165.

<sup>2</sup> DENAT, C. “A filosofia e o valor da história em Nietzsche: Uma apresentação das Considerações extemporâneas”. Trad. Ivo da Silva Júnior. In: *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, GEN, v. 26, 2010, p.85-96.

anterior, chamando a atenção como poucos para o fato de que a segunda parte das *Considerações, A utilidade e a desvantagem da história para a vida*, é um texto central no conjunto dos quatro escritos, pois é, “de alguma maneira, um lugar de reflexão, no sentido literal, no que concerne ao caráter *extemporâneo* do projeto nietzschiano”; mais ainda, com ela, o duplo papel da história – utilidade/remédio e desvantagem/veneno – os temas principais das quatro *Considerações* se articulariam.

Esse trabalho que começa pelo exame cuidadoso do título dado ao conjunto dos quatro textos<sup>3</sup>, apresenta as duas primeiras *Considerações* como tendo, *grosso modo*, a filosofia de Hegel por alvo (da qual escapava o essencial da alma alemã) e seus desdobramentos (a importância da categoria hegeliana da eticidade, a instrução geral (*allgemeine Bildung*), defendida pelos filisteus, etc.). Mostra, ainda, por sua vez, as duas últimas *Considerações* como sendo o solo a partir do qual Nietzsche realizava suas críticas – de um lado, com a filosofia de Schopenhauer (que, opondo-se à modernidade, vai propor as condições para o surgimento do gênio ou do “rebeldê solitário” contra o intelectual moderno) e, de outro, com a música de Wagner (que, com Bayreuth, visava a uma revolução antimoderna e não simplesmente estética).

A crítica e a solução apresentada por esse conjunto de textos passariam, segundo Denat, pelo crivo do duplo papel da história, que permitiria realizar uma *consideração*, ou melhor, uma avaliação do *status quo*. E a via encontrada para pôr em cena certa consideração ou avaliação é a de tomar uma posição extemporânea, ou seja, de promover uma decalagem em relação ao tempo presente. O filósofo pode “adotar, como respeito a esta época mesma, o ponto de vista

---

<sup>3</sup> David Straus, *o devoto e o escritor, Da utilidade e desvantagem da história para a vida, Schopenhauer como educador e Richard Wagner em Bayreuth*.

de outras épocas, como também de outros lugares, isto é, dito de um modo mais geral, de outras culturas”<sup>4</sup>. Nessa direção, saber lançar mão corretamente da história é saber ir “contra o tempo, e com isso, no tempo (...) em favor de um tempo vindouro” (HL/Co.Ext. II, Prefácio, KSA 1.247). Algo que David Strauss não soube fazer, mas que Schopenhauer e Wagner fizeram com maestria. A extemporaneidade, no entanto, deveria ocorrer a partir de uma referência bem precisa:

eu, apenas eu, enquanto pupilo de tempos mais antigos, especialmente dos gregos, cheguei, além de mim, como um filho da época atual, a experiências, tão extemporâneas (...) pois não saberia que sentido teria a filologia clássica em nossa época senão o de atuar de maneira extemporânea” (*idem, ibidem*).

Essa avaliação que ocorreria a partir de uma referência temporal e espacialmente deslocada seria, segundo a conclusão do artigo de Denat, um primeiro momento da auscultação do filósofo como “médico da cultura”, que salvaria a cultura e levaria ao crescimento da vida e elevação do homem. Se assim parece ser – afinal esses quatro textos fazem parte do início da obra de Nietzsche e a questão cultural parece perpassar todas as etapas de sua produção –, cabe indagarmos se o alvo preciso de Nietzsche era a *Historie* ou a *Geschichte*, pois para essa avaliação ser levada a bom termo pela história, da qual dependerão, ao ver de Denat, a filosofia, a vida e a cultura, falta precisar o crivo avaliador. Vejamos.

Na primeira parte das *Considerações*, Nietzsche critica a vitória alemã na guerra franco-prussiana, argumentando que ela seria a derrota da cultura alemã. A Prússia, que passaria a ser o modelo da

---

<sup>4</sup> DENAT, C. *ibidem*.

nova Alemanha, rechaçava a verdadeira natureza aristocrática da cultura e propagava a massificação cultural e militar. Até aqui, nada de novo, principalmente se lembrarmos que, como em nenhum outro lugar, as idéias francesas vicejavam em solo prússio, que tinha forte tendência ao nivelamento em todos os níveis – sociais, culturais e militares – favorecendo o “socratismo científico” ou, se quisermos, o “iluminismo francês” em detrimento do autêntico espírito alemão. A instrução geral ou massificação do ensino contribuiria para o fim das “grandes individualidades” em favor de uma massa mediamente, mas universalmente instruída, pronta para servir ao Estado<sup>5</sup>. Contra a regeneração trágica e helênica da Alemanha, que teria a Grécia como fonte de inspiração e modelo em sua antiga articulação em “castas”, que poderia contribuir para o nascimento de indivíduos excepcionais – o gênio, apareceria outra figura, o erudito, o intelectual. Exatamente o que Hegel (eis mais precisamente quem é o alvo das críticas) e os franceses defendiam; ideário que está na expressão corrente de então, as famosas “idéias modernas”. Em suma, a vitória é uma derrota, pois o impulso por imitar a França já havia se incorporado; com a “vitória”, a incorporação dos vencidos seria mais ainda facilitada.

Diagnosticar o futuro da Alemanha que se avizinhava não conduziria a uma etapa de ultrapassamento. Criticar o uso servil da história e os que a ela, por vias diversas, permaneceram na mesma trilha (como Strauss), não promoveria nenhum avanço. Por essa

---

<sup>5</sup> O Estado não era apenas prejudicial à cultura, mas, mais fundamentalmente, à germanicidade. E o conceito que está em jogo é o de eticidade, pois nele se “percebe o eco do ideal rousseauiano e jacobino do *citoyen* e da reivindicação da intervenção do poder político na esfera econômico-social, que atravessam em profundidade e caracterizam de maneira ruïnosa a tradição política e cultural da França” (cf. LOSURDO, D. *Nietzsche. O rebelde aristocrata*. Trad. Jaime A. Clasen. Rio de Janeiro: Revan, 2010, p.194).

razão, Nietzsche se haverá com a “necessidade histórica da cultura moderna”, que conduz à acomodação ao presente, assentando-se na razão e na história. Verdadeira “doença”, que imobiliza o agir em direção a um futuro (o retorno à antiguidade clássica, por mais anacrônico que isso possa parecer), o excesso de história acaba por produzir uma cultura histórica e passa a exigir um sentido histórico para o curso do mundo. Neste ponto, encontramos o momento crucial da crítica de Nietzsche, ou melhor, a precisão dela: a passagem da crítica da *Historie* (tal como Schopenhauer fazia nos seus ataques a Hegel<sup>6</sup>) para a crítica da *Weltgeschichte* hegeliana (que Nietzsche passa a fazer). Nas palavras de Lebrun, a segunda parte das *Considerações, Da utilidade e desvantagem da história para a vida*, pode emitir um juízo sobre a História e não apenas à história:

se compreende (*sic*) por que, nessa páginas [segunda parte das *Considerações*], Nietzsche se via com direito a pôr no mesmo plano a erudição (*Gelehrsamkeit*) histórica – que Hegel desdenhava – e a História-discurso à maneira hegeliana (...) Qual é a culpa, em síntese, da erudição histórica? Não é tanto, como queria Hegel, o fato de reduzir conteúdos de sentido a acontecimentos, o discurso de uma “coisa” a uma cronologia; e sim o repetir o passado enquanto o irremediavelmente afastado, *enquanto o que não mais existe*. Ora, tomando essa direção niilizante, o que a História-discurso faz é simplesmente ir ainda mais longe: mais mórbida que a própria erudição, ela diz o passado enquanto o que devia anular-se. Da tristeza historizante, ela faz a suprema virtude<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Conforme argumentação presente no primeiro capítulo, “A verdadeira teodicéia”, do livro *O avesso da dialética. Hegel à luz de Nietzsche*, de Gérard Lebrun (Trad. Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Cia das Letras, 1988).

<sup>7</sup> *Ibidem*, p.54-55.

Na segunda parte das *Considerações extemporâneas*, ainda sob o impacto das posições schopenhauerianas, ao atacar a História hegeliana, Nietzsche assume pontos de partida diversos dos de seu mestre. Schopenhauer considera que a História é a completa divinização do contingente, a sacralização do efêmero. Não compreende que a constituição do Espírito é feita a partir do movimento das mudanças. A História do mundo não é uma investigação do passado, mas apenas um discurso da supressão do que veio a ser na atualidade, resultando não num progresso, mas numa clarificação.

O filósofo não mais compartilhará a crença do vulgo em que o tempo possa trazer-nos algo realmente novo ou significativo; não tem mais cabimento conceber que algo possa, por si ou por meio de si, culminar no absoluto [...] <sup>8</sup>.

Nada mais equivocado para Nietzsche. A História do mundo não é algo que vem a constituir-se enquanto somatória de acontecimentos, divinizando o que muda, o efêmero; tampouco é a totalização do Espírito que eterniza os acontecimentos. Schopenhauer confunde aqui *Geschichte* e *Historie*. O vindo-a-ser dos acontecimentos está sob o guarda-chuva do Conceito, e não o contrário (nada culmina no Absoluto, como Schopenhauer afirma), não podendo assim ser divinizado, visto que seria aceitar a existência de um Absoluto fora do tempo. É esse erro que Nietzsche não comete na segunda parte das *Considerações extemporâneas*, tanto que pode, naquele momento, interpretar Hegel como Schopenhauer, sem seguir seu mestre na crítica ao “historicismo” hegeliano.

---

<sup>8</sup> SCHOPENHAUER, A. *Le monde comme volonté et représentation*. Trad. A. Burdeau. Paris: PUF, 1966, p. 236.

Nietzsche muda de foco as observações sobre o vir-a-ser: o ponto passa a ser a “totalização” que o Espírito realiza. Não cabe mais indagar pelo caráter daquilo que muda, sem antes investigar aquilo que totaliza, que, por já ser total (Absoluto), só teria de ter seu percurso revelado. A compreensão de Schopenhauer é aqui posta de ponta-cabeça. São os acontecimentos do mundo que estão sob o guarda-chuva do Absoluto. Nietzsche pode então perceber que a *Geschichte*, ao dissolver o que veio a ser, anula o passado, ou seja, radicaliza a *Historie*, que apenas o nega ao considerá-lo isolado no tempo, inacessível à vida hodierna.

Em suma, Nietzsche discorda de Schopenhauer, que considera Hegel um apologeta do vir-a-ser<sup>9</sup>. A História do mundo, como quer Hegel, é a dissolução do que veio a ser, ou melhor, pondo nos devidos termos, diria Nietzsche, é o repúdio do que veio-a-ser, já que ela dissolve-se no presente. Fácil foi para Schopenhauer criticar a História do mundo, entendida erroneamente como *Historie*. Hegel não está interessado no que muda, não sacraliza o efêmero, pois para ele “a História nada tem a fazer *com o que muda*, ela lida com o que está atualmente vivo”<sup>10</sup>. Ele interessa-se sim pelo desaparecimento do que muda, pois, por meio dessa negatividade, o passado pode dissolver-se no presente<sup>11</sup>. A imagem que formam dos acontecimentos serve apenas para a rememoração de supostos fatos; ela cristaliza o que já veio-a-ser de modo que não tenha mais nenhuma ligação com o que está vindo-a-ser. O passado deve ser constituinte do presente, ou seja, o presente só é presente porque foi formado pelo passado. Estando o passado no presente, de pouca importância são

<sup>9</sup> Cf. *ibidem*, p. 671.

<sup>10</sup> LEBRUN, G. *op. cit.*, p. 49. Como fica evidente, temos acompanhado amplamente os comentários de Lebrun.

<sup>11</sup> Cf. *ibidem*, p. 47.

as lembranças – o passado é presente, e, portanto, não precisa ser lembrado. Há assim para Nietzsche uma grande diferença entre *Historie* e *Geschichte*, que Schopenhauer não havia visto<sup>12</sup>.

Noutras palavras, a *Geschichte* – muito mais que a *Historie* – anula toda possibilidade de aspectos da história ser vantajosa para a vida. Sem dar os devidos prosseguimentos, podemos levantar a hipótese de que a História como uma nova teologia encarnada num novo Deus, que justificaria o fato acabado e promoveria seu assentimento (pontos que são desenvolvidos por Lebrun), incentivaria a busca pelo nivelamento e, por conseguinte, pelo protagonismo da massa, num restrito respeito por todos os ditames teológicos na sua nova versão teleológica – da filosofia da história -, ou seja, contribuiria com um dos elementos da época moderna que Nietzsche mais rejeita.

Para tanto, em suas críticas, ser extemporâneo é fundamental; ter uma outra época como modelo a seguir é indispensável para combater o elemento cristão do mundo, que, sub-repticiamente, aloja-se em todos os registros. É justamente o elemento trágico encontrado nos gregos (tal como exposto em *O nascimento da tragédia* e que separa, neste ponto, Nietzsche de Schopenhauer), que vai permitir um olhar para o mundo sem mediações, que irá possibilitar a “naturalidade e pureza daquela (*sic*) ligação entre a vida e a história” (contra toda tentativa de fazer desta uma ciência, como foi o intento

---

<sup>12</sup> A esse respeito, uma observação de Lebrun: “É a Kant, e não a Hegel, que remonta a oposição entre *Historie*, disciplina do entendimento, e a *Weltgeschichte*, discurso sobre o sentido necessário da História. É Kant, antes de Hegel, quem exclama: como é que a razão, presente na cena da natureza, poderia estar ausente da gesta da humanidade? Que o gênero humano esteja ‘progredindo para o que é melhor do ponto de vista do fim moral do seu ser’ constitui uma hipótese muito razoável: ‘não necessito prová-lo; isso incumbe ao adversário’” (LEBRUN, G. “Uma escatologia para a moral”. Trad. de Renato Janine Ribeiro. In: *Manuscrito*, Campinas: Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência da Unicamp, v. 2, n. 2, 1979, p. 43).



de Hegel) (cf. HL/Co.Ext. II 4, KSA 1.271). *Considerar* ou *avaliar* a história – na acepção de Denat – seria justamente fazer este juízo que aqui, de uma perspectiva trágica, não tem lugar até este momento da obra de Nietzsche; no limite, é seguir Schopenhauer, que Nietzsche, a estas alturas, já havia, neste ponto, deixado para trás. Daí Nietzsche utilizar *Historie* no título da segunda parte das *Considerações* – a *Geschichte* inviabilizaria qualquer utilidade; daí também a importância de precisar o crivo avaliador de Nietzsche.

Trazendo muitos elementos para a interpretação das *Considerações extemporâneas*, este segundo estudo de Céline Denat publicado no Brasil certamente trará contribuições – como fica evidente – para os estudos Nietzsche para além dos pontos que aqui assinalamos.

**Abstract:** This paper aims to present a second Céline Denat's article to the Brazilian public, "The philosophy and value of history in Nietzsche. A presentation of the *Untimely Meditations*". Pointing to the central argument of this paper, we propose to discuss to what extent Nietzsche's criticism is limited to the history (*Historie*).

**Keywords:** meditation – untimely – history – historical sickness

## referências bibliográficas

1. DENAT, C. "Nietzsche, pensador da história? Do problema do 'sentido histórico' à exigência genealógica". Trad. V. Gosselin. In: MARTON, S. (org.). *Nietzsche, um francês entre franceses*. São Paulo: Barcarolla, 2009.

2. ———. “A filosofia e o valor da história em Nietzsche. Uma apresentação das *Considerações Extemporâneas*”. Trad. Ivo da Silva Júnior. In: *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, GEN, n. 26, 2010, p.85-96.
3. LEBRUN, G. *O avesso da dialética. Hegel à luz de Nietzsche*. Trad. Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Cia das Letras, 1988.
4. ———. “Uma escatologia para a moral”. Trad. de Renato Janine Ribeiro. In: *Manuscrito*, Campinas, Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência da Unicamp, v. 2, n. 2, 1979.
5. LOSURDO, D. *Nietzsche. O rebelde aristocrata*. Trad. Jaime A. Clasen. Rio de Janeiro: Revan, 2010.
6. NIETZSCHE, F. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe* (KSA). Organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlim: Walter de Gruyter & CO., 1988. 15 v.
7. ———. *Obras incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1996 (Col. “Os Pensadores”).
8. SCHOPENHAUER, A. *Le monde comme volonté et représentation*. Trad. A. Burdeau, Paris: PUF, 1966.